

A festa de Natal se aproxima e desejo estar presente com todos vocês, meus queridos irmãos. Não será uma carta programática, há necessidade ainda de reflexão! Com os irmãos Definidores estamos realizando os primeiros passos e aos poucos nos conhecemos sempre um pouco mais. A respeito do quanto exprimiui o 83º Capítulo Geral, lhes comunicaremos aquilo que se desejará realizar durante o sexênio.



Tomemos o Menino nos braços!

Considero o tempo de Natal o momento mais indicado para lhes dizer a minha primeira palavra como Ministro Geral e cada um de vocês sabe o quanto esta festa era querida para o nosso Seráfico Pai São Francisco! Anos atrás me encontrava em nosso convento de Luzerna e o guardião me pediu se eu estaria disposto a celebrar a Missa de Natal para os nosso confrades idosos. Aceitei com satisfação. Na noite do dia 24 de dezembro, celebramos a missa, às 20 horas, no coro interno. Tudo resplandecia por causa das luzes de Natal porém, mais que tudo resplandecia um bonito Menino Jesus de gesso, quase do tamanho natural, no meio do coro. Durante a homilia falei aos confrades do grande dom que o Pai nos tinha feito, nos enviando o seu Filho primogênito. Mas enquanto falava me veio uma intuição: por que não fazer circular de mão em mão a estátua do Menino Jesus, convidando cada um dos presentes a estreitá-lo por um momento entre os braços? Aquele menino tem muito a ver com a história de cada um de nós. Olhando bem, nos fez o dom de uma chamada e nós dissemos sim e lhe entregamos a nossa vida. O que é a vida

religiosa senão a opção de fazer dom a Deus, em Cristo, de toda a nossa vida? Justamente se fala de consagração de uma vida colocada a parte para ele. Por que então não estreitar entre os braços aquele Menino Jesus de gesso que nos recorda Aquele que escolhemos como o Senhor da nossa vida? Desta opção provém o sentido profundo e único da nossa vida de consagrados.

Como São Félix de Cantalício

Seguiram-se alguns instantes densos de comoção. Era extraordinário ver os irmãos idosos tomar o Menino Jesus entre os braços, com tanto carinho. Olhava aquelas mãos ásperas e calejadas, às vezes deformadas pela artrose, mas todas testemunhas do trabalho de uma vida a serviço dos outros. Mãos de pedreiros, carpinteiros, mecânicos ou então aquelas mais finas e delicadas do frei porteiro ou de quem havia dispensado a misericórdia de Deus. Alguns deles estiveram por muitos anos em missão e haviam construído escolas e igrejas, haviam dirigido caminhão, consertando-o ao longo da estrada quando o motor não funcionava, haviam conhecido o trabalho

manual, haviam rezado incontáveis rosários. Agora aquelas mãos recebiam o Menino Jesus e eles o estreitavam ao coração, o embalavam por um momento! É um momento que recorro com grande intensidade. Foi um momento de grande intensidade! Estreitavam a si um Menino Jesus de gesso que recordava Aquele ao qual haviam doado sua vida com a profissão religiosa.

Como não recordar o velho Simeão, que tendo tomado o menino nos braços, exclamou solenemente:

“Ó Senhor, agora deixa o teu servo ir em paz!” (Lc 2, 29)

Simeão o tomou entre os braços depois de uma longa existência consumida na esperança da Salvação, enquanto os meus confrades contemplavam Aquele ao qual havia doado suas próprias vidas. Naquele momento, sem dar-nos conta, toda a iconografia capuchinha retomava vida novamente. Entre os nossos santos, um sobretudo, São Félix de Cantalício! Sempre o vi representado com o Menino Jesus nos seus braços!



que cada um de nós fez o voto de fazer de sua vida um dom a Deus e à humanidade, a toda a humanidade. O dom é aquilo que dá sabor à nossa vida de consagrados. Por isto lhes convido a tomar entre os braços o Menino Jesus – vocês o farão concretamente ou espiritualmente, não importa – para lhes representar na modalidade mais concreta a realidade do dom: Ele doado

a nós e nós que nos doamos totalmente a ele. Vem à minha mente as palavras de

São Francisco na Regra não Bulada:

“E todos os irmãos, onde quer que estiverem, se recordem de que se doaram e entregaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo (RnB XVI, 10).

O nosso dom concreto

No Menino Jesus entre os braços de Simeão se constata uma dimensão de grande fragilidade. O Menino se dá todo, sem reservas e esta parábola de dom se concluirá com o gesto eucarístico do seu corpo repartido e do seu sangue derramado pela salvação de todos nós sobre a cruz. Não retém nada e se doa totalmente. O seu modo de se doar não conhece limite senão aquele do Amor. E sabemos que o Amor jamais põe condições e não exige nenhum “obrigado”! Como gostaria que nós, frades capuchinhos, consagrados pela profissão religiosa, aprendêssemos a nos doar deste modo, sem medo e sem pôr condições. Saber se doar assim não só nas coisas extraordinárias, mas cada vez que se pede um serviço ou também uma simples transferência de um convento a outro. Sabemos quanto isto, às vezes, nos amedronta, mas do que? Medo de enfrentar o desconhecido, de ter que recomeçar, de frades que jamais vimos? Medo de ter que sofrer um pouco? Não é talvez assim? E também quando um olha para dentro de si, realmente o que descobre ali? O lugar do qual não pode ou não quer se separar? Os hábitos que se lhes tornaram preciosos? Pode ser que encontre tudo isto, porém, permanecendo

“Recordem-se que se doaram”

Durante o Capítulo Geral, recentemente celebrado, de muitas partes se ressaltou a necessidade de prosseguir o trabalho para traduzir na prática o que disse o VII CPO sobre nossa vida fraterna no percurso da itinerância e da minoridade. Ao mesmo tempo, foram muitos os que pediram com insistência que a Ordem se interrogue sobre sua própria identidade. Qual é o nosso carisma? O que significa ser capuchinho hoje? Perguntas simples e diretas. Perguntas às quais dedicaremos, com certeza, uma reflexão aprofundada, prosseguindo o trabalho já iniciado por quem me precedeu. Agora não é o momento para prosseguir o aprofundamento deste tema. O que lhes quero dizer, e com insistência, é

na escuta, descobrirá sobretudo aquela atitude que desenvolveu ao longo de tantos anos de serviço. Notará a riqueza interior adquirida, prestando generosamente o seu serviço e então se conscientizará de estar em condições de o fazer também em outro lugar. Esta o acompanhará por onde estiver. O lugar de verificação do nosso amor para com Deus, do nosso dar-nos a ele permanece o amor concreto levado aos irmãos. A primeira carta de São João sobre isto não deixa dúvida alguma: “Quem não ama o próprio irmão que vê, não pode amar a Deus que não vê” (1Jo 4, 20) Se a fraternidade é o lugar onde se concretiza o nosso amor, não coloquemos resistência, não voltemos atrás, mas nos coloquemos à disposição de viver aquela “obediência caritativa” que as nossas Constituições expressam (Const. n. 164-167). Não esperemos que se nos diga o que fazer. Ousemos tomar a iniciativa para intervir de modo construtivo para o bem da nossa fraternidade cada vez que o Espírito e um salutar discernimento nos sugerirem. Agindo assim nos abriremos às necessidades dos pobres do nosso tempo e encontraremos formas eficazes de presença em meio a eles, nas periferias do nosso mundo.

De coração, obrigado, fr. John Corriveau

Concluindo, gostaria de lhes participar uma breve passagem de uma carta recebida há pouco tempo do nosso amado e estimado Ministro Geral, fr. John Corriveau. Escreveu-me nestes termos: “Servir a Ordem como Ministro Geral é o dom maior da minha vida e uma graça de Deus. Deixo o serviço com o coração tranquilo e com grande esperança.”. Uma coisa é certa: fr. John,

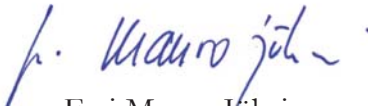
em todos os anos consagrados a servir a Ordem como Ministro Geral, jamais perdeu o ânimo. Lia-se no seu rosto a alegria de empenhar-se pelo bem de todos nós. Gostaria que um obrigado em coro, de todos nós, chegasse a ele também através destas linhas. A ele devemos muito e do modo como serviu a Ordem nos faz lembrar como a alegria mais verdadeira e profunda se encontra no doar-se completamente e no confiar a nossa vida à fraternidade, como a forma de profissão nos faz pronunciar!

Como os pastores e os magos, também nós vamos ao presépio e levemos o dom de nós mesmos, os nossos corpos, a nossa disponibilidade para fazer um caminho com a fraternidade e jamais separados dela. Recordemos as palavras de Jesus que afirma: “Dêem, e será dado a vocês; colocarão nos braços de vocês uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante. Porque a mesma medida que vocês usarem para os outros, será usada para vocês”. (Lc 6, 38). E São Paulo faz eco ao exortar os cristãos de Corinto: “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Cor 9,7).

Queridos irmãos, saborearemos a alegria verdadeira e profunda nos empenhando unicamente num caminho de fidelidade e de adesão àquilo que prometemos viver, caminhando juntos aos irmãos da nossa fraternidade. Muitas vezes nos é pedido ir além das nossas forças, dos nossos projetos, dos nossos desejos, mas tenho certeza disto, vale a pena viver esta vida!

Desejo-lhes, com simplicidade e de coração, um santo e bom Natal, uma parada para retomar o caminho com energia, enriquecidos pelo dom “d’Aquele que se doa todo a vocês”(São Francisco, Carta ao Capítulo Geral da Ordem, Ord II, 29).




Frei Mauro Jöhri,
Ministro Geral OFMCAp

Roma, Natal do Senhor 2006

Supplemento al n. 193 di BICI (Dicembre 2006)



BICI • editore: Ufficio generale della comunicazione OFMCap • responsabile: Massimo Rosina
• collaboratori: Tutti i segretari della Curia OFMCap • edizioni: Italiano, francese, inglese, polacco,
spagnolo, tedesco, indonesiano, portoghese • impaginazione: Laura Stazi • grafica: UNIDEA Marketing
& Comunicazione

Periodico Mensile Pl. SPA - Abb. Post. DL 353/03 (Conv.in L.27.02.04 n. 46) Art. 1C.2 DCB - Roma, Taxe perçue - Tassa
riscossa-Roma Italia Autorizz.Trib. di Roma n.690 del 23.11.1990 Iscr. Reg. Naz. Stampa n. 4121 del 23.3.1993
Stampato in proprio

Curia Generale OFMCap
Via Piemonte, 70
00187 Roma · Italia
Tel. 0039.06.4620121
Fax 0039.06.4828267
E-mail: bici@ofmcap.org